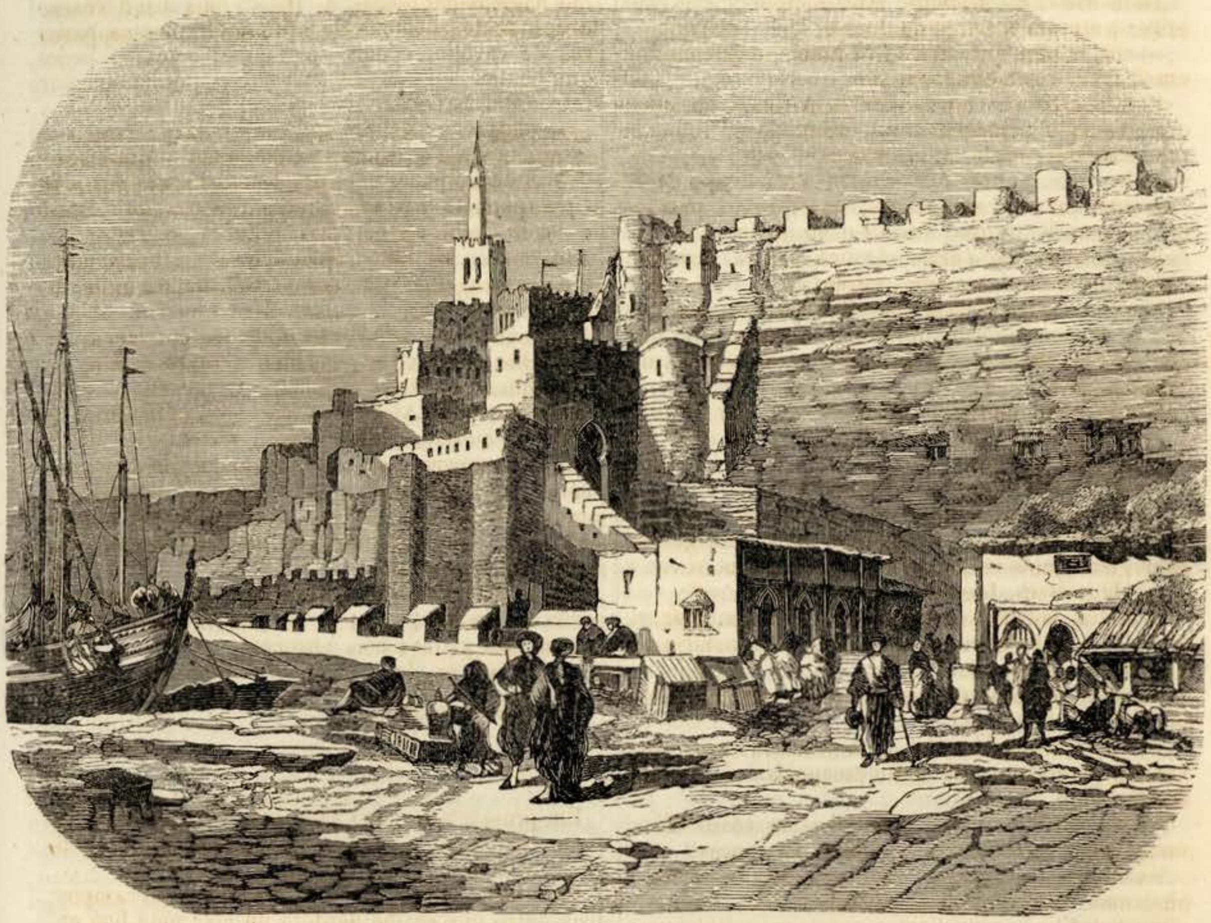


Tanger — Gravura de Coelho Junior

Foi a cidade de Tanger, durante os 190 annos que pertenceu á coroa de Portugal (1471 a 1661), a eschola militar onde se adestraram os bellicosos portuguezes que tantas façanhas obraram na Asia e na America. Ser cavalleiro d'Africa, era o mais qualificado diploma de valentia e pericia na arte da guerra.

Depois da famosa conquista de Ceuta, memoravel atalaia do estreito de Gibraltar, por el-rei D. João I e os infantes seus filhos em 1415, tentou logo um d'elles, D. Henrique, o promotor dos descobrimentos que immortalisaram o seu nome e a nossa gloria, apossar-se de Tanger, porto que elle considerava como a chave do Mediterraneo.

Em quanto esteve em Ceuta, por informações que houve dos berbéres, teve ampla noticia dos desertos d'Africa que elles atravessam nas suas cáfilas; e dos povos confinantes com os negros de Guiné, região só conhecida pelo commercio do oiro. Estas confusas informações juntou o infante D. Henrique ás especulações mathematicas em que tinha trabalhado muito, e ás noticias de Marco Paulo, com o que veiu a determinar-se que poderia levar ávante uma grande empréza, se com diligencia e perseverança a procurasse.

Os successos mostraram que o infante se não enganára; e se elle fôra vivo quando Christovão Colombo veiu a este reino pedir auxilio para o descobrimento da America, esta gloria fôra de Portugal, e não de Hespanha.

Tinha já D. Henrique visto coroados os seus esforços, pelos successivos descobrimentos que por sua direcção se haviam realisado, a começar da ilha de Porto Santo até ao cabo Bojador, que dobrado pela primeira vez em 1429, abriu toda a costa occidental da Africa ás nossas navegações, quando voltou o pensamento para o seu nunca esquecido intento de conquistar Tanger.

Para este fim insinuou ao desventurado infante D. Fernando, seu irmão, tão intrepido e desejoso como elle de ganhar honra e fama pelas conquistas, que pedisse licença a el-rei para passar a Africa.

D. Fernando, achando-se só em Almeirim com el-rei D. Duarte, descobriu-lhe a tenção, com o que tão prudente monarcha ficou mui triste, dizem as chronicas; e depois de fazer varias ponderações ao infante para o dissuadir, respondeu que elle consideraria no que lhe propunha.

Estando o rei desgostoso do que o infante D. Fernando lhe requerêra, deu conta d'isso a D. Henrique, e lhe rogou que o tirasse d'aquelle proposito. Mas o infante, observa Duarte Nunes, que não desejava outra coisa senão vir-lhe á mão ensejo de fallar n'aquella materia, disse a el-rei que fallaria a D. Fernando. Mas logo lhe mostrou as muitas razões que tinha o infante de não querer passar a vida

em ocio, sem deixar algum testimunho do como nascêra; e com isto lhe lembrou a tenção del-rei seu pae fazer guerra a Africa para exercicio da nobreza de Portugal. E que pois elle e o infante D. Fernando não tinham impedimento de mulheres nem filhos, e eram mestres de duas ordens de cavallaria, ordenadas para pelejar contra infieis, e tinham muitos cavalleiros e criados que os queriam seguir, houvesse por bem sua passagem a Africa, pois a elle rei, como o principal movedor, havia de redundar toda a honra e gloria.

El-rei deu muitas razões de não ser tempo de fallar em ida a Africa, assim pelas guerras passadas com Castella, de que ainda estavam as chagas frescas, e os povos não tinham cobrado forças, nem restaurado as perdas, como por outras muitas coisas; pelo que encommendou a D. Henrique tirasse aquillo do pensamento ao infante seu irmão. Mas elle fez o contrario, porque não só não dissuadiu o infante, mas sabendo que a rainha podia muito com el-rei, a buscou como intercessora para alcançar a licença regia.

Succedeu, diz Duarte Nunes de Leão, para isto melhor se effectuar, que n'esse anno de 1436, estando el-rei em Estremoz, veiu de Roma por legado do papa Eugenio IV, D. Gemes, portuguez, abbade em Florença, que depois foi prior de Santa Cruz de Coimbra, o qual entre outras coisas a que veiu, trouxe a el-rei a cruzada contra os infieis, que pelo conde de Ourem mandára requerer ao concilio (de Basiléa), a qual ninguem festejou mais que o infante D. Henrique; e como sabia ser impetrada para o proseguimento da guerra d'Africa que seu pae começára, trabalhou por muitas razões de mostrar a el-rei que em nenhum tempo podia mais commodamente emprehender a guerra que então; porque a empreza era santa, a que muitos folgavam de ir, e a terra estava abastada de mantimentos e de armas; que tinha já filhos com que estava segura a successão do reino, e tinha irmãos valorosos de que se podia ajudar.

El-rei D. Duarte, por uma parte apertado das razões do infante, que conformavam com sua tenção, e por outra das difficuldades que n'isso havia, lhe disse quão gastados estavam seus thesoiros, assim pelas guerras passadas e grandes satisfações que dera aos que n'ellas o serviram, como pelos casamentos da condessa de Flandres, gastos com a vinda da rainha, e da infanta D. Isabel de Aragão, e obrigações da alma del-rei seu pae, que estava pagando, havendo tão pouco que succedêra na coroa; e que para deitar tributos ao povo para guerra voluntaria, e não necessaria, não era justo, nem Deus acceitaria tal serviço ainda que fosse contra moiros.

O infante D. Henrique, que de qualquer maneira desejava sair de Portugal, e continuar a descobrir terras incognitas, assim para o oriente como para o occidente, parecendo que Deus lhe revelava a invenção de tantos modos por que o conseguia, não se aquietando, disse a el-rei: Que já que lhe não parecia tempo para em pessoa passar a Africa, houvesse por bem que elle e o infante D. Fernando voltassem a Ceuta, com os cavalleiros das suas ordens de Santiago e de Aviz, e com aquella gente que bem lhe parecesse. Que veriam se se podia tomar a cidade de Tanger, ou algum outro logar, que se o cobrassem seria uma boa ajuda para sua conquista. E quando não lhes succedesse bem, nas forças dos contrarios sentiriam se o poder del-rei era bastante para os conquistar; e se o fosse, então poderia el-rei lá ir com todo o seu exercito.

Estas razões com que o infante D. Henrique apertou a el-rei seu irmão, o fizeram soltar a palavra de que havia por bem que elle e o infante D. Fernando passassem a Africa, sem mais conselho dos grandes a quem d'isso não dera conta.

Logo que el-rei concedeu aos infantes o que lhe pediam, concordou com elles se fizessem quatorze mil homens para aquella jornada, a saber: tres mil e quinhentos homens de armas, quinhentos bésteiros de cavallo, e dois mil de pé; sete mil peões, quinhentos homens de serviço, e quinhentos para marearem as naus.

E porque a despeza que se havia de fazer com esta gente e a armada, era maior do que a fazenda del-rei então podia supprir, *como os erros dos principes* (pondera o citado chronista) *são sempre á custa do povo*, ajuntou côrtes em Evora, e n'ellas, por muitas razões com que justificou ser esta expedição d'Africa util e necessaria ao reino, impetrou dos povos certa quantia de dinheiro, que logo se lançou e tirou, *com muito descontentamento, murmurações e clamores dos que o pagavam.* Causou isto grande desgosto a el-rei D. Duarte, que de sua natureza era clemente; e se em sua mão fôra, revogára o que tinha assentado, porque lá em seu animo não concebia esperanças do bom successo d'aquella empreza, presagio que tão desastrosamente se realisou!

Quiz elle ainda ver se atalhava a saida da armada, mandando perguntar ao papa, pelo doutor Vasco Fernandes, que ainda se achava no concilio, se era licito fazer aquella guerra, e se para ella podia lançar pedidos aos povos; mostrando que esperava pela determinação do papa, e que entretanto suspendia o seu proposito. Mas como a consulta foi a consistorio, e os infantes apressaram os preparativos da expedição, tanto que foi prestes não esperaram pela decisão de Roma. A 22 de agosto de 1437 saiu a armada do Tejo, e chegou a Ceuta no dia 26.

Alli fez o infante D. Henrique alardo da gente que trazia, e viu que lhe faltavam oito mil homens para os quatorze mil que lhe foram ordenados. A causa de tamanha falta (nota o chronista) não foi uma só; porque entendia a gente que esta ida era sem bom conselho, cheia de perigos, e então escusaram-se de ir, querendo antes perder a fazenda pela pena, que a vida por sua culpa.

Além d'isto, o dinheiro que el-rei houve dos povos, e o dos orphãos que se tomou, não chegára a supprir mais; tambem não houve navios em que passasse mais gente, porque os fretados em Flandres e Allemanha foram impedidos pelas guerras que entre elles havia; e os de Biscaia por prohibição dos officiaes de Castella. O infante, como receiava que a expedição se não effectuasse dilatando a partida, ainda que viu que a gente que levava não era bastante para o que emprehendia, apressou a sua ida, esperando que por terra o seguissem ao estreito de Gibraltar.

Fez-se conselho em que todos foram de parecer que se escrevesse a el-rei D. Duarte sobre tanta falta de gente para tamanho feito, como era provocar os reis d'Africa, e pretender tomar-lhes suas terras. Só o infante foi de contrario voto, dizendo, que ainda que tivera menos gente não esperaria, nem deixaria de proseguir no seu intento; e que Deus ordenava aquillo para elles ganharem mais honra.

Com esta confiança, saiu a expedição de Ceuta para Tanger, parte por terra e parte por mar. O exercito acampou fóra das portas, a 13 de setembro, e logo n'esse dia as accommetteram os nossos, rompendo duas, e lançando fogo á terceira por ser forrada de ferro; mas, sobrevindo a noite, não poderam entrar. N'este combate tiveram os dos infantes alguns mortos e muitos feridos. Os moiros trataram de tapar todas as portas com pedra e cal, pelo que foi necessario escalar os muros. Ordenou-se

o combate para este fim; mas porque as escadas eram curtas, os nossos tiveram de se retirar com muita perda de gente.

O infante mandou logo a Ceuta buscar outras escadas maiores, e algumas bombardas grossas; mas no entretanto vieram em soccorro da cidade cinco mil moiros a cavallo, e ainda mais de pé, estacionando n'um oiteiro á vista do arraial portuguez. O infante, apesar da desegualdade do numero das suas tropas, determinou dar-lhes batalha, mas os moiros não o quizeram accommetter, tirando alguns cavalleiros, de parte a parte, que escaramuçaram sem consequencia. No dia seguinte tentou o infante fazer retirar os moiros do cabeço onde se haviam postado; mas depois de brava peleja, os nossos não poderam com a multidão dos inimigos, e recolheram ao arraial bem dizimados.

Tendo chegado de Ceuta as novas escadas, e algumas das machinas de guerra n'aquelle tempo usadas, resolveu o infante D. Henrique combater outra vez a cidade. Ordenou que o infante D. Fernando, o conde de Arraiolos, seu sobrinho, e o bispo de Evora, com sua gente, andassem a cavallo, e fizessem costas ao arraial, para que se os moiros de fóra quizessem soccorrer os da cidade em quanto durava o combate, lhes fizessem resistencia.

A mais gente estava a pé, excepto o infante D. Henrique, que andava a cavallo todo coberto de malha. Começou o assalto, mas as escadas queimaram-se com o fogo de alcatrão que os moiros lançavam de cima; o engenho, ou castello de madeira que os nossos levavam, para d'elle atirarem os bésteiros, tambem se inutilisou, pelo que o infante mandou tocar a retirar.

Deu ordem para que dos navios da armada viessem outros engenhos com que se fizesse terceiro accommettimento; mas, n'este meio tempo, chegou a noticia de que os reis de Fez, de Marrocos, de Lazeraque e de Tafilete vinham sobre o exercito christão, com muitos mil homens de pé e de cavallo. O nosso infante recebeu esta nova com grande torvação; mas como era de grande animo, ninguem lhe percebia o temor. E de feito, n'essa mesma tarde appareceu tanta moirisma de pé e de cavallo, que os campos se cobriram sem se ver terra que d'elles não fosse cheia. Os de fóra, que já tinham aviso do soccorro que lhes vinha, foram-se chegando para a cidade, e dando espantosos alaridos, como costumavam, cairam sobre os nossos que estavam de guarda ás bombardas e engenhos, e tudo ficou em poder d'elles.

Vendo o infante tal desegualdade de forças, assentou não pelejar em campo, mas recolher-se ao palanque, especie de fortim que tinha alevantado no meio do seu acampamento. Os moiros começaram a combater o palanque com muita furia por espaço de quatro horas, com todas as suas forças, porém muitas mais houve nos de dentro para o defenderem.

Alguns dias se conservaram os nossos no palanque cercados pelos moiros; mas vendo o infante que se lhe iam acabando os mantimentos, e que o caminho para os navios estava cortado, determinou, com o parecer dos seus capitães, sairem de noite, dar no arraial dos moiros que estavam para a banda do mar, lançarem-se na praia, e d'alli salvarem-se nos navios da armada que em tão má hora os levára áquellas plagas. Mas um clerigo por nome Martim Vieira, capellão do infante D. Henrique, fugiu para os moiros, denunciando-lhes o que estava resolvido, pelo que ficou frustrado o intento dos sitiados!

Quem dissera que um padre, e n'aquelles tempos, havia de ser o causador da fatal capitulação que entregou ao captiveiro d'aquelles barbaros um dos inclytos filhos de D. João I?

(Continúa)

EMBAIXADA DE FREDERICO III, IMPERADOR D'ALLEMANHA, A EL-REI D. AFFONSO V DE PORTUGAL — CONSORCIO D'AQUELLE SOBERANO COM A INFANTA D. LEONOR — FESTEJOS REAES E POPULARES EM CELEBRAÇÃO D'ESTAS NUPCIAS — OS PAÇOS DE S. CHRISTOVÃO — PARTIDA DA IMPERATRIZ PARA A ALLEMANHA.

(Vid. pag. 273)

III

No dia primeiro d'agosto tiveram os embaixadores a segunda audiencia del-rei. Conduziram-nos ao paço dois fidalgos e dois doutores para esse fim nomeados.

Depois de se entreter com elles um breve espaço, levou-os D. Affonso V aos aposentos da rainha sua esposa.

A rainha D. Isabel estava na sua camara, sentada em cadeira de braços, sobre um estrado, debaixo de um docel, e rodeada das suas damas. O seu vestuario e adornos eram quaes os pedia a visita dos representantes de um imperador.

Tudo quanto póde fazer sympathica e interessante uma dama via-se reunido em D. Isabel. Era joven, pois ainda não tinha completado vinte annos. Era formosa, e realçavam-lhe a belleza infinita candura e modestia. Era infeliz, pois que os homens lhe tinham convertido em magoa e dor aquella suprema ventura, que a mocidade, a formosura e a realeza pareciam sorrindo prometter-lhe. Os crueis trances por que passou a sua alma nos infortunios de seu desditoso pae, e nas perseguições que ella propria padeceu dos inimigos d'elle, tinham-lhe deixado como vestigio indelevel uma tão suave expressão de melancolia, que todos os que a contemplavam sentiam-se presos pela mais respeitosa affeição.

A tantas condições sympathicas ainda accrescia a do seu estado de gravidez. O fructo do amor conjugal, que escondia no seio, recebeu, quando nado, nas aguas baptismaes o nome de Joanna. A Providencia, purificando no crisol do longo martyrio a fé e a resignação da mãe, quiz, talvez, fazel-a digna de dar á gloria celeste um novo ornamento. A filha de D. Isabel veiu a dar culto a egreja sob a invocação de *Princeza Santa Joanna*.

A rainha acolheu os embaixadores com distincção. Ouviu e respondeu ás allocuções que lhe dirigiram, e dignou-se conversar um pouco ácerca da viagem que acabavam de fazer.

Descrevendo algumas terras mais notaveis do seu itinerario, os enviados aproveitaram o ensejo para expressar a sua admiração á vista da grandeza de Lisboa, e da amplidão do seu magnifico porto. Esta cidade era muito maior, segundo asseveraram, que Vienna d'Austria.[1]

Da camara da rainha conduziu D. Affonso V os embaixadores á presença das infantas, suas irmãs, que assistiam n'outro palacio.[2]

Achavam-se as infantas, já prevenidas para esta visita, trajadas de gala, e acompanhadas das suas aias. Conforme ao uso da corte, estavam sentadas

[1] Nicolau de Valckenstein refere esta circunstancia no diario da sua viagem pelas seguintes palavras: «*Ulixbanna est una notabilis civitas, multo majorque Vienna in Austria, habens in se magnum et altum montem cum fortissimo castro, ut Gretz in Styria.*»

[2] Valckenstein diz, fallando dos embaixadores: *Dominus Rex Portugaliæ duxit eos ad aliud palatium, ornatissime preparatum, in quo sedebant tres sorores virgines, quae erant speciosissime ornatae, sc. serenissima domina et virgo Eleonora, Katharina et Joanna, etc.*

Não obstante aquelle auctor deixar de indicar a situação d'aquelle palacio, devemos suppor que, habitando D. Affonso V nos paços da Alcaçova, fundação del-rei D. Diniz, as infantas occupariam então os paços de S. Bartholomeu, edificados por el-rei D. Affonso III proximo das muralhas do castello, do lado de fóra, e contiguos á igreja parochial de S. Bartholomeu, que lhe servia de capella real, e para a qual tinha communicação por um passadiço. Não deve fazer duvida alguma a esta supposição a circumstancia de haver dado el-rei D. Diniz estes paços a seu neto João Affonso, filho de seu filho bastardo Affonso Sanches.

em almofadas de veludo, collocadas sobre um estrado, e debaixo de um docel.

D. Leonor, a futura imperatriz, ia nos seus 17 annos. D. Catharina, que ao diante foi promettida esposa de D. Carlos, principe de Navarra, denominado Carlos o Máo, depois desposada de Eduardo IV, rei de Inglaterra, fallecendo a final, sem tomar estado, no convento de Santa Clara de Lisboa, contava n'aquelle tempo perto de 15 annos. D. Joanna, que então pouco mais tinha de 11 annos, veiu a ser rainha de Castella pelo seu casamento com Henrique IV.

Esta visita foi mais curta que a da rainha. Trocados de parte a parte alguns comprimentos, retiraram-se os embaixadores, recolhendo-se ao paço dos Estáos. Porém logo depois voltaram ao castello para assistir a um sarau no paço.

A presença de todos os membros da familia real, e a concurrencia de toda a corte fizeram brilhante a funcção. Principiou por um baile, em que tomaram parte as tres infantas. Depois da dança conversou-se o resto do tempo.

No dia seguinte, 2 d'agosto, tiveram os embaixadores a terceira audiencia del-rei, para a conclusão do contrato matrimonial. Reunidos pois em uma sala do paço da Alcaçova, D. Affonso V, seu irmão o infante D. Fernando, seu tio o infante D. Henrique, duque de Vizeu, D. Affonso, conde de Ourem, e logo depois marquez de Valença, filho primogenito de D. Affonso, primeiro duque de Bragança, D. Pedro de Noronha, arcebispo de Lisboa, e outros prelados, muitos titulares, o escrivão da puridade, o chanceller-mór do reino, e outros altos funccionarios, um dos embaixadores, dirigindo-se ao soberano, fez a declaração publica do objecto da sua missão, e rematou depositando as suas credenciaes nas mãos del-rei.

Em seguida procedeu-se á leitura do contrato nupcial, que achando-se conforme, foi assignado com as devidas formalidades. Acabada a audiencia designou el-rei o dia 9 para a celebração do consorcio.

IV

Caíu a um domingo o dia das nupcias. Serena e bella, como costumam ser todas as manhãs d'agosto, a aurora achou o povo já discorrendo alvoroçado pelas ruas e praças de Lisboa.

A multidão corria de todos os pontos da cidade para o castello de S. Jorge, ávida de occupar um bom logar d'onde podesse desfructar a passagem da corte e dos embaixadores, pois que a ceremonia do casamento devia realisar-se na capella dos paços da Alcaçova, onde mal cabiam as pessoas precisas ou convidadas para a funcção. [1]

As salas do paço real ostentavam desusadas galas. Os guadamecins, pannos d'Arrás, e outras tapeçarias de vestir as paredes; os brocados e veludos dos doceis, dos bofetes, e das credencias, tinham sido inteiramente substituidos por outros novos, e mais ricos. E até d'esta vez foi desterrada a habitual singeleza dos aposentos reaes. O thesoiro onde se guardavam mui preciosas alfaias, e peças de valor, de oiro e prata, algumas despojos da guerra nas nossas luctas com os moiros; outras presentes de soberanos alliados; e talvez que algumas mandadas fazer expressamente pelos nossos principes para servir em festejos reaes; aquelle thesoiro, dizemos, foi despojado completamente de todas as suas riquezas para adorno das salas e da capella.

[1] Ruy de Pina, na chronica de D. Affonso V, diz que o consorcio se effectuou nos paços de S. Christovão. Outros nossos historiadores dizem que foi na Sé. Porém n'este ponto seguimos a Nicolau de Valckenstein, porque assistiu áquelle acto, e porque refere circunstancias, que mencionaremos, as quaes deram motivo, provavelmente, ao engano dos ditos escriptores.

Pelas 10 horas começaram a chegar ao paço os prelados, fidalgos, e mais pessoas que deviam assistir ás ceremonias do casamento. Chegados que foram os embaixadores, e depois de admittidos á presença do rei e da familia real, passaram todos á capella em prestito ordenado pelo mestre-sala, e precedido pelos reis d'armas, arautos e passavantes, porteiros da canna e da maça.

Todas as vistas e attenções se fixavam na gentil noiva. Ao seu porte elegante e senhoril, e á belleza insinuante do seu rosto, acrescentavam novas graças e attractivos a magnificencia do vestuario, e o brilho dos diamantes.

Entretanto, apesar d'este luxo e esplendor, que tanto prendem e captivam, de ordinario, os olhos e o coração de uma donzella, a infanta estava pallida, e tão absorvida em pensamentos intimos, que não attendia, ou parecia não attender ao que se passava em torno de si.

Effectuou-se o acto nupcial com toda a regularidade, e conforme as praticas da egreja, e os usos da corte portugueza e allemã. Foi celebrante o arcebispo de Lisboa, vestido de pontifical, e assistido de outros prelados. Houve a benção e imposição do annel, e fizeram-se as ceremonias do beijo na face, e do adorno do leito nupcial.

Terminou esta solemnidade por um Te-Deum em acção de graças, cantado por muitas vozes com acompanhamento de orgão e de alguns poucos instrumentos.

A este tempo já os sinos da capella real, e os atabales e charamelas do largo do paço tinham annunciado em sons festivos, que a infanta D. Leonor se achava unida pelos vinculos do matrimonio ao imperador d'Allemanha Frederico III. E por toda a cidade echoavam e se confundiam os repiques das suas innumeraveis torres, as musicas e cantigas populares, e os vivas enthusiasticos á imperatriz d'Allemanha.

Saindo todos da capella na mesma ordem em que haviam entrado, foram para uma grande sala em que se achava posta uma mesa com uma rica e abundante coberta de doces, frutas, e vinhos. A mesa estava ornada com muita sumptuosidade e gosto, contendo bastantes peças de baixella de prata doirada, em que a mão d'obra era de tal primor, que em muitas egualava, se não excedia, o seu valor intrinseco.

Junto a uma das paredes da sala erguia-se uma alta credencia de carvalho, com excellentes esculpturas, tendo por cima um docel de brocado carmesim franjado de oiro. As prateleiras d'esta credencia estavam cheias de peças de prata branca e sobredoirada, e algumas de oiro, dispostas com symetria. Compunha-se esta preciosa baixella de muitas bandejas, jarros, taças, gomis, jarras, fontes, copas, atanores, picheis, cantaros, barnagaes, albarradas, saleiros, e especieiros. Todas estas peças, de mui variados e exquisitos feitios, eram cobertas de delicadissimos relêvos e de esmaltes primorosos. [1]

Guarneciam as outras paredes da sala varios bofetes, cobertos com pannos de veludo carmesim, orlados de franja de seda da mesma côr, tendo nos cantos as armas reaes bordadas a oiro e a seda. Sobre os bofetes viam-se lindos castiçaes de prata doirada, muitos pratos, copas, e copos do mesmo metal, tendo os ultimos a fórma de calix, com esmaltes azues e roxos.

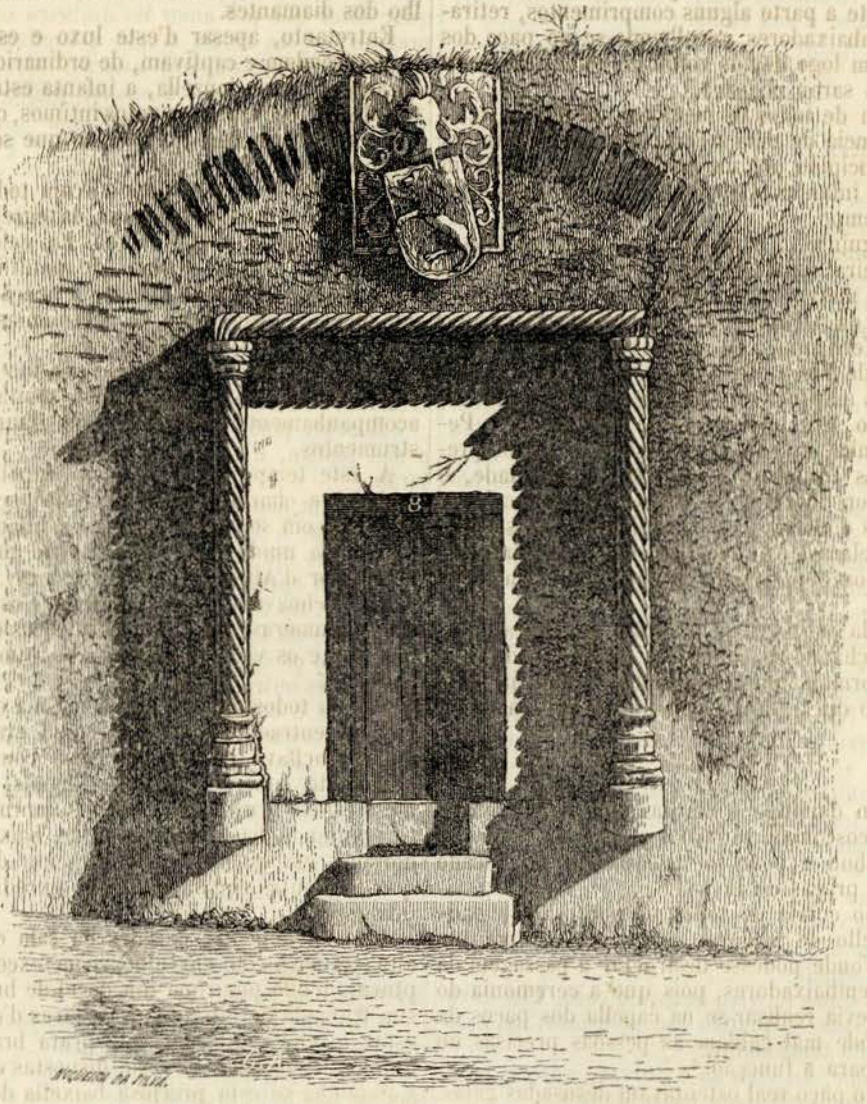
Aos quatro angulos da sala avultavam quatro grandes tocheiros de prata branca, lavrados de bulhões e pilares.

[1] Na casa real ainda se conservam algumas d'estas peças, que juntas a outras dos reinados de D. Manuel e D. João III, e outras ainda posteriores, servem de apparato nos baptisados e banquetes reaes.

Em quanto se servia á real familia e convidados esta refeição, tocava a musica da ucharia na proxima sala.

Mostrava el-rei por todos os modos a sua grande satisfação; e a mesma alegria se via pintada em todos os rostos, exceptuando a rainha e a imperatriz.

D. Isabel amava ternamente a D. Leonor; e não podia conformar-se com a idéa de separar-se, por toda a vida, do anjo que nas horas da sua maior amargura lhe entornára no peito o doce balsamo da consolação. E D. Leonor, que mal se lembrava dos carinhos maternos, votava á rainha um amor tão filial, que tambem a seu turno se affligia dolorosamente pensando n'esta cruel ausencia. Mortificava-se egualmente a saudade dos irmãos, e alguem da corte dizia muito em segredo, que a estas magoas sabidas se juntava um outro espinho que lhe fazia sangrar o coração. Todavia, tão pura e casta era esta affei-



Portal gothico dos antigos paços de S. Christovão

ção, e tanto a guardava dentro da alma, que a não ser algum d'esses indiscretos, que furtam nos olhos das donzellas os arcanos do seu coração virginal, todos julgavam ver na pallidez e tristeza da imperatriz, apenas com moções de saudade pela proxima separação da sua familia.

Acabada a refeição levantou-se el-rei, e tomando a mão da imperatriz, dirigiu-se para uma das janellas do paço, que deitava para um pouco espaçoso terreiro. O povo que ahi se apinhava, ancioso de ver a formosa noiva, e de lhe dar mostra do seu amor, rompeu em enthusiasticas acclamações assim que appareceram na janella os augustos personagens.

Depois foi levada a imperatriz em grande estado para os paços de S. Christovão. Ia montada esta princeza em um soberbo palafrem; e ao seu lado, ou em seguimento, cavalgavam el-rei, a rainha, as infantas e infantes, o marquez de Valença, os prelados e os embaixadores. As mais pessoas da corte e um numerosissimo sequito de pagens e criados caminhavam a pé.

Os paços de S. Christovão, onde devia habitar a real esposa de Frederico III até á sua partida para a Allemanha, achavam-se preparados e adereçados com magnificencia.

Chegando o prestito ao largo de S. Christovão, entrou pelo amplo portal dos paços para o grande pateo, que ficava no centro do edificio, onde os principes se apearam. Toda a real comitiva subiu para o palacio, e foi logo occupar a sala do throno.

Tendo tomado cada um o logar que lhe competia

nas solemnidades da corte, seguiu-se um baile, a que deu principio a rainha dançando com a imperatriz.

Assim que terminaram, veiu el-rei ao meio da sala buscar sua augusta irmã, e conduzil-a ao throno. D. Affonso v e sua esposa sentaram-se aos lados do solio. Os infantes continuaram o baile, e depois d'elles os fidalgos.

Foi esta a ultima ceremonia e festividade d'aquelle dia. El-rei e a familia real regressaram aos paços da Alcaçova; e a imperatriz, acompanhada das suas damas, e da camareira-mór, a condessa de Villa-Real, recolheu-se á sua camara.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOZA.

O THOMAZ DOS PASSARINHOS

Thomaz nascêra mais rico de preguiça que de amor ao trabalho. Parecia feito para morgado o demonio do rapaz; não queria saber da lavoura nem do estudo. Fugia da eschola, fugia do trabalho, e ia deitar-se debaixo de uma arvore a olhar para o ceo, ou a acompanhar com a vista as nuvens erradias.

Muitas vezes dizia elle, quando lhe deitavam em rosto o não fazer nada:

— Deus entregou o espaço aos passarinhos, e lançou a semente á terra para que se nutrissem; soltou os animaes no campo e mandou á herva que crescesse para que se alimentassem; deu azas ás borboletas e polvilhou as flores para que encontrassem sustento sem se afadigarem. A mão, que impelle o sol, que sacode as nuvens, que arroja a chuva, que dá vigor á planta, ramagem ao arvoredo, frescura á terra, nutrição a todos, ha de amparar-me tambem e dar-me de comer, quando me falte.

E a não ser esta preguiça invencivel, não havia que se lhe dizer: era comedido no porte e civilisado nas palavras. Não escandalisava ninguem, nem procurava descaminho. Deixassem-no vaguear, estava contente.

Depois de muitas tentativas, descoroçoaram os paes de o fazerem tomar rumo. Deixaram-no á lei da natureza, e assim se foi criando, aprendendo pelo que via, desenvolvendo-se com o descanço.

Não era mau rapaz nem dado a companhias. Bom de coração na verdade, mas incapaz de servir para nada. Havia muito tempo que se não encontrava um paz-d'alma d'aquelles.

Em quanto o pae foi vivo bem ia o caso. Elle dava ordem á sua vida, e quando lhe perguntavam pelo filho, respondia tristemente:

— Deixem-me, foi erro da natureza, nasceu para mulher, não tem geito para coisa alguma.

Um dia, porém, o pae amanheceu morto na cama, e a mãe achou-se de repente com todo o peso da casa, e com um filho que não tinha prestimo que se visse.

Thomaz chorou muito nos primeiros dias, e fez mil protestos de trabalhar. Assim foi de principio, mas depois... Parecia que se lhe partiam os braços, e tornava á mesma. Pasmava no meio do trabalho, varria-se-lhe da memoria o que estava fazendo, e deitava a correr para debaixo de uma arvore a namorar as nuvens e ouvir os passaros.

— O que te prende tanto, para não fazeres nada todo o dia, passando-o assim a olhar para o ceo? — lhe perguntou um dia um velho fazendeiro, dos melhores amigos que o pae tivera.

— O tio Simões vae rir-se...

— Dize sempre, anda.

— Olhe, tio Simões, quando ouço os passarinhos, parece-me estar a escutar estas palavras, que o senhor padre prior disse um dia, n'um sermão de festa.

« Portanto vos digo não andeis cuidadosos da vossa vida, que comereis, nem do vosso corpo, que vestireis. Não é mais a alma que a comida, e o corpo mais que o vestido?

« Olhae para as aves do ceo, que não semêam nem segam, nem fazem provimentos nos celleiros; e comtudo vosso Pae celestial as sustenta. Por ventura não sois vós muito mais do que ellas? » [1]

— Mas isso não quer dizer que se não deve trabalhar, homem; pelo menos eu assim o entendo: quer dizer que por amor do dinheiro se não devem praticar acções ruins, e que a confiança em Deus nos não deve desamparar nunca.

— Ora, tio Simões, o senhor padre prior ainda disse mais:

« E por que andaes vós sollicitos pelo vestido? Considerae como crescem os lyrios do campo; elles não trabalham nem fiam.

« Pois se ao feno do campo que hoje é, e ámanhã é lançado ao forno, Deus veste assim, quanto mais a vós, homens de pouca fé!

« Não vos afflijaes, pois, dizendo: que comeremos, ou que beberemos, ou com que nos cobriremos?

« Porque os gentios é que se cançam por estas coisas. Por quanto vosso Pae sabe que tendes necessidade de todas ellas.

« Buscae, pois, primeiramente o reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas se vos acrescentarão.

« E assim não andeis inquietos pelo dia de amanhã, porque o dia de amanhã a si mesmo trará seu cuidado, ao dia basta a sua propria afflicção » [2]

— Como aprendeste tanta coisa?

— Olhe, tio Simões, na vespera tinha assistido ao pagamento da feria, que meu pae, que Deus haja, fazia todos os sabbados á noite, e ao ver seguirem-se uns após outros os trabalhadores da fazenda, disse com Deus e commigo: Porque não hei de eu trabalhar? Porque não hei de ganhar tambem a minha feria? Eu tambem sou homem.

— E disseste bem, Thomaz, era uma boa palavra essa. Mas depois...

— Depois fui deitar-me resolvido a pedir tambem que fazer na segunda feira seguinte a meu pae, mas no domingo era dia de festa; fui á egreja ouvir missa, e fiquei para o sermão.

— E?...

— Começou o senhor padre prior a dizer o que lhe repeti ha pouco...

— E como tu não ias de vontade para o trabalho, quadrou-te o sermão. Não é assim?...

— Não diga tal, tio Simões, sabe Deus se eu tinha ou não feito proposito de mudar de vida; tanto que ao principio fiquei sobresaltado e como não querendo acreditar... Mas vi a cara do bom do padre; dizia tanto, tinha uma tal expressão de bondade, um tal não sei quê na physionomia... Era impossivel, tio Simões, que não fosse alumiado pelo ceo.

— Mas como aprendeste tudo isso?

— No dia seguinte fui ter com o senhor padre prior para que me ensinasse aquellas palavras: disse-me que estavam n'um livro, e d'ahi eu... pedi-lhe que me explicasse como as havia de ler...

— E elle?

— Elle ensinou-me, e eu aprendi.

— Então tens lido muito?

— Nada, não, senhor, apenas soube de cór aquellas palavras esqueci-me logo de ler.

— Ora essa!

— As aves do ceo e os lyrios dos campos não sa-

[1] S. Math. Cap. 6.º v. 25 e 26.
[2] S. Math. Cap. 6.º v. 28, 30, 31, 32, 33, 34.

bem ler, e o nosso Pae celestial as sustenta e as veste. Eu tambem não preciso saber ler.

— Mas teu pae morreu, tua mãe não póde com o encargo da casa, e assim, sem homem que tome tento no arranjo, vae tudo por agua abaixo.

— Que lhe hei de eu fazer?

— Homem, és capaz de fazer perder a paciencia a um santo! Que tomes a direcção do governo, que occupes o logar de teu pae.

— O tio Simões póde dizer o que quizer, eu estou á conta do Senhor.

E não havia tiral-o d'este dizer, por mais que fizessem, por mais que lhe prégassem. Era prégar aos peixinhos.

A pobre da mãe ia dando ordem á vida conforme podia; mas casa governada por mulher rara toma caminho; o negocio cada vez ia de mal a peior.

Thomaz, esse, parecia não dar por similhante coisa; chegava a casa, fallava á mãe, comia do que lhe apresentavam, porque tudo lhe sabia bem, e quando a tia Annica principiava, em pé de conversa, a querer dar-lhe conta do que se passava:

— Faça o que quizer, minha mãe, eu não tenho nada com isso. E deitava a correr, se insistiam com elle, para debaixo da sua querida arvore.

Um dia, quando mais embebido estava em seu scismar, ouviu perto d'elle voz de mulher, que pedia soccorro.

Ergueu-se e acudiu.

Era uma rapariga de uns dezoito annos, quando muito, que vinha correndo, de uma vacca que a perseguia.

Já quasi não podia dar passo, e a vacca ia alcançal-a, quando Thomaz, erguendo-se de um pulo, e tomando um cajadito que trazia comsigo, atirou de lado uma paulada ao focinho do animal, que, cego com a dor, mudou de carreira, e seguiu aos pulos e aos mugidos pelos campos fóra. Agueda, assim se chamava a perseguida, parou, tomou a respiração, que lhe ia faltando, e, volvendo um olhar reconhecido ao seu salvador, disse-lhe:

Obrigada, Thomaz!

— Agradece ao Senhor, Agueda, e não a mim; a gente anda cá n'este mundo á conta de Deus.

Agueda era feia e grosseira de feições como grande parte das raparigas do campo. Muito trigueira e bastante queimada, crivada de bexigas, os beiços grossos, o nariz achatado e largo, as orelhas grandes, e mais repuxadas ainda por umas enormes arrecadas de oiro, o cabello crestado e carapinho. Tinha os olhos pretos, rasgados e rasgados como quasi todas as saloias, e era nova.

Como de uso, trazia côres, que mais destoavam do semblante. Umas roupinhas encarnadas, e uma sáia côr de rosa de chita sobre outra de baeta verde salsa.

Explicado estava pois o furor da vacca.

Entretanto era por extremo vaidosa, e tão presumida como o são todas as moças feias. Mal tornou a si do susto, começou, correndo-lhe a mão, a alizar o cabello; e quando lhe pareceu ter-se bem composto, proseguiu na encetada conversação.

— Quem havia de dizer que a vacca da Angelica!... Parecia tão socegada!...

— Não admira, tornou-lhe Thomaz, que já se deitára debaixo da sua arvore, e parecia distrahido a olhar para o ceo.

— Não admira, porque?

— Ora, tu appareceste-lhe assim, tão assanhada!

— Tão assanhada!

— Sim, pareces-me uma papoila vermelha, já com as sementes pretas, no meio de um campo de verde.

— Sempre tens lembranças!

Thomaz não lhe respondeu. Estava entregue ás suas contemplações.

— Thomaz! Thomaz! Que tens tu, estás sempre a scismar?

— E tu que tens com isso? Importa-te a minha vida?

— Lá isso é verdade, não me importa; mas faz-me pena ver-te assim, ahi a monte, sempre sósinho.

— Faz-te pena devéras?

— Faz.

— Ora dize-me, tu tens bom coração?

— Nunca fiz mal a ninguem, nem o desejo.

— Pois bem, um dia te direi em que eu scismo.

E por mais que a sua companheira lhe puxasse pela lingua, não deu mais palavra.

Parecia de pedra.

Por fim Agueda perdeu as esperanças de fazer com que fallasse, e ao despedir-se d'elle disse-lhe:

— Adeus, Thomaz, até outra occasião em que estejas de melhores humores. Olha que me não esqueço do favor que te devo. Adeus!

Ou fosse curiosidade, ou interesse, ou mesmo amor proprio offendido, no dia seguinte, pelas mesmas horas, fazia a rapariga caminho pelo sitio onde na vespera se encontrára com Thomaz.

Este estava no mesmo logar, e na mesma posição da vespera; parecia que não arredára pé.

Agueda aproximou-se-lhe quasi sem que elle désse pela sua presença.

— Adeus, Thomaz!

— Adeus, Agueda!

— Ainda continúas a estar triste? Não fallas, não cantas, não te mexes d'ahi!

— Tambem as flores do campo não fallam, não cantam, e não se mexem. Entretanto ninguem diz que ellas são tristes.

— Em que pensas tantas horas a fio, Thomaz?

— Olha, Agueda, tens bom coração?

— Já hontem me fizeste essa mesma pergunta, e o que hontem te respondi, te respondo hoje: Não fiz nunca mal a ninguem, nem o desejo.

— Pois um dia te direi em que penso.

— E porque não ha de ser hoje?

— Ainda não tenho confiança em ti.

Repetiram-se os encontros. Todos os dias, pelas mesmas horas, Agueda se encaminhava para aquelles sitios, e quando a sombra lhe dizia que ella estava para chegar, Thomaz esperava-a com a vista, fitando os olhos no atalho por onde havia de apparecer.

Pouco a pouco a indifferença apathica de Thomaz foi desapparecendo. Fallava mais, e contava historias de avesinhas e de flores a Agueda maravilhada. E havia uma tal ingenuidade, o que quer que era de boa e pura simpleza nas suas historias, nas suas lições, na explicação que lhe dava dos enlaces dos animaes e dos amores das plantas, que a pobre rapariga parecia levada a mundos novos, e quasi estranhava tudo que não era o fallar e a companhia de Thomaz.

Um dia, eram passados tres mezes depois do primeiro colloquio, voltou-se elle repentinamente para a sua companheira, depois de alguns momentos de abstracção, e disse-lhe:

— És feia, Agueda, muito feia.

— Se o sentes, para que m'o havias de dizer? tornou-lhe tristemente a rapariga.

— Porque digo sempre o que sinto. Mas o teu coração é formoso, e a tua alma é boa.

— Obrigada, Thomaz.

— Não me agradeças, porque fallo verdade. O teu coração é bom, e a belleza do corpo acaba, em quanto a formosura da alma se conserva. Eu gosto de ti, Agueda.

— Tambem eu gosto de ti, e por isso sempre me pareceste formoso.

Era uma especie de recriminação que Thomaz não percebeu.

— Eu queria casar comtigo.

— Tu!

— Eu, sim, porque te admiras?

— Não cuidei que pensasses em casamento.

— Não casam as arvores, as flores, os animaes da terra, as avesinhas do ar, os peixes do mar; não casam as aguas dos rios com as torrentes dos mares?

— Mas...

— Porque não hei de eu casar tambem?

— Tu bem sabes, Thomaz, que eu nada tenho; tu tambem és pobre; como haveriamos de viver?

— Não me tens perguntado tanta vez, em que penso durante as horas em que estou sósinho?

— Tenho.

— Pois ámanhã t'o direi; de hoje até ámanhã pensa tu tambem, e dir-me-has depois, se queres ou não casar commigo.

— E porque não dizes agora?

— Agora... preciso estar só.

E calou-se. Agueda já sabia que era tempo perdido teimar. Retirou-se, olhando muitas vezes para o seu extraordinario apaixonado.

Este não deu por similhantes finezas. Com os olhos fitos n'um ponto afastado, parecia embevecido em doces contemplações. No dia seguinte, pelas mesmas horas, dobrava Agueda o atalho, quando Thomaz, que de longe a avistou, se ergueu para a ir esperar.

Estranho era aquelle procedimento, e tanto mais estranho, quanto a pobre da rapariga, á força de se querer aprimorar, mais feia parecia ainda. Thomaz, porém, nem percebeu a mudança.

Ao aproximarem-se da arvore, pediu-lhe que se sentasse ao seu lado, e com taes modos e tal delicadeza, que ella quasi o desconheceu.

— Que tens, Thomaz? Pareces-me outro!

— Tenho que te fallar muito serio. Pensaste?

— Pensei.

— Queres?

— Quero, Thomaz; conheci que te amava. E tu?

— Eu, não sei. Olha, Agueda, parece-me que nasci para casar comtigo. Tenho-te visto ha muitos dias, e sempre me tens parecido boa rapariga.

— Tu é que és um santo, meu Thomaz...

— Não digas isso, e ouve-me; vou contar-te o meu segredo.

— Pois tens um segredo?

— Não t'o disse hontem?

— Disseste, mas eu pensei que estavas gracejando.

— Não sei gracejar.

— E d'elle depende a nossa fortuna?

— Depende.

— Então conta, Thomaz, conta depressa.

E a rapariga quizera ser toda ouvidos para satisfazer assim a curiosidade que a devorava.

— Olha, Agueda, olha além para o ceo.

— Olho.

— Não vês nada?

—Vejo uma nuvemsinha transparente e branca, que parece voejar como um véosinho de cassa branca.

— E mais nada?

— Mais nada!

— Pois eu vejo mais que tu.

— Como assim?

— Ha uns poucos d'annos que passo manhãs e tardes, deitado debaixo d'esta mesma arvore, com os olhos pregados n'aquelle mesmo sitio do ceo.

— E vês?

— Espera. Não ouves o chilrar dos passarinhos que andam saltitando de ramo em ramo?

— Ouço.

— E não percebes o que elles dizem?

— Ora essa!

— Pois desde que eu aqui descanço, as aves fallam commigo, e eu entendo o que ellas dizem.

— Thomaz!

— Bem sei que desconfias de mim, Agueda, que talvez me julgues idiota, pateta, como muitos dizem. Não me admira, estou costumado, e rio-me d'isso.

— Não chamo, não, meu Thomaz, continúa.

— Tens espalhado os olhos por esses tapetes de verde, por essas vagas de pão, que ondulam e marejam á feição do vento como as aguas dos rios?

— Se tenho!

— Mas não escutaste ainda os colloquios que segredam as plantas umas ás outras, as espigas ás suas visinhas, quando o vento as encurva e parece aproximal-as tão perto como se fossem a beijar-se?

—Valha-me Deus, Thomaz, que coisas me estás perguntando!

— Tenho dó de ti, Agueda!

— Porque?

— Porque nem lês no ceo, nem aprendes com as aves, nem escutas as plantas. Como has de ser infeliz! Tudo, pois, que mais significação tem, nada quer dizer para ti. Mas descança, minha Agueda, quando casares commigo, has de saber o que eu sei.

— E tu sabes?

Thomaz fez-lhe signal para que se calasse por um momento, e pareceu cair em extatica contemplação com os olhos fitos no ceo.

Sería passado um quarto de hora, quando pareceu voltar a si; e dirigindo-se a Agueda, disse-lhe.

— Ouve-me agora.

(Continúa) RODRIGO PAGANINO

A MORTE DO HOMEM BOM

Dois espectaculos dignos de attento estudo, são a morte do homem bom, e a morte do homem perverso; assumpto solemne entre os solemnes, e que deu ao grande Massillon um dos seus sermões mais convincentes.

Na imaginação do agonisante, como no fundo de um espelho concavo, se concentram, convergentes, os raios de todos os pontos mais remotos da sua vida, já então a passar, e da sua vida nova, já então a descobrir-se. Se do preterito lhe vem luz, luz lhe vem tambem do futuro; e o seu espirito n'esse foco resplandece como o sol.

Já o presenciei eu que isto escrevo; já vi despedir do mundo e descer para o sepulchro, com os labios a cantar, e o coração a rir, como quem embarca por um dia de primavera para uma festa de longos dias esperada. A. F. DE CASTILHO. [1]

*

Deus sabe as conjuncções em que convem a cada um morrer. Os homens n'este mundo são como os pomos; colhe-os Deus quando estão mais sasonados. O fructo quando está maduro, se se não colhe, cae e apodrece. Não está a felicidade em viver muito, senão em viver bem.

Caso notavel é, que não digam os evangelistas de que annos morreu Christo; todos se occuparam em dizer suas obras, e nenhum em lhe contar os annos, porque não está a coisa em viver muito, senão em viver bem. PADRE ANTONIO VIEIRA. [2]

[1] *Noções Rudimentaes*, para uso das escholas dos «Amigos das letras e artes em S. Miguel.

[2] *Sermão* nas exequias do principe D. Theodosio.